

PROJETO DE VOTO N.º 493/XV/2.^a

SOLIDARIEDADE COM O SECRETÁRIO-GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS, ANTÓNIO GUTERRES

António Guterres e as Nações Unidas têm recordado o óbvio: que até as guerras têm regras. Que não é admissível que se mate milhares de civis, que se faça um cerco que impede o abastecimento de água, alimentos, medicamentos e energia, que se bombardeiem escolas e igrejas onde estão refugiadas pessoas deslocadas de sua casa, que se matem jornalistas e trabalhadores da ONU ou que se despeje milhares de bombas, de forma indiscriminada, sobre a população de Gaza.

Crimes de guerra são crimes de guerra e devem ser tratados como tal venham de onde venham. A ofensiva de Israel já tirou a vida a 6500 pessoas em Gaza, 62% das quais mulheres e crianças. Quarenta instalações da agência das Nações Unidas para a Palestina foram danificadas e 35 dos seus trabalhadores foram mortos.

Há 1,4 milhões de pessoas deslocadas à procura de refúgio. Desde o início do cerco, apenas 34 camiões com ajuda humanitária conseguiram entrar em Gaza quando seriam necessários, segundo a ONU, 100 camiões por dia. Vários hospitais tiveram ordem de evacuação e muitos outros correm o risco de ficar sem combustível. Bebés em incubadoras, doentes internados, pessoas em necessidade de cuidados médicos têm a sua vida em risco.

Perante todo este horror, António Guterres, secretário-geral das Nações Unidas, tem apelado ao cessar-fogo e à ajuda humanitária a Gaza. A população civil não pode ser o alvo do exército de Israel nem pode ser admitida uma punição coletiva dos palestinianos de Gaza pelos bárbaros ataques de dia 7 de outubro perpetrados pelo Hamas.

Apesar de não reclamar nada mais do que o fim da violência sobre civis, apesar de não exigir nada mais do que a cessação de crimes de guerra, António Guterres tem sido

violentamente atacado, com o embaixador de Israel nas Nações Unidas, Gilad Erdan, a acusá-lo de ter como prioridade “ajudar os terroristas” quando se exigia apenas a abertura da fronteira em Rafah para a entrada de camiões com ajuda humanitária.

No dia 24 de outubro, o embaixador de Israel nas Nações Unidas instou ainda o secretário-geral da ONU a demitir-se, depois de António Guterres ter afirmado numa reunião do Conselho de Segurança da ONU que os ataques do Hamas "não surgiram do nada". Gilad Erdan pede a demissão de Guterres de secretário-geral da ONU acusando-o de “compaixão por atrocidades” quando, na verdade, o que exige é que se ponha um ponto final às atrocidades em curso. Na sequência desta escalada de confronto com a ONU, Israel afirmou que iria reavaliar as suas relações com a ONU e a presença dos funcionários da organização no terreno. Anunciou agora que vai negar vistos a qualquer representante da ONU, o que pode impedir o acesso desta organização às zonas de conflito.

Há momentos em que exigir a paz e o respeito pelo direito internacional é um exercício de coragem; em que exigir ajuda humanitária e o cessar-fogo é um exercício de coragem. António Guterres tem tido essa coragem. Merece a nossa solidariedade perante os ataques violentos de que tem sido alvo por parte do Governo de Israel.

Assim, a Assembleia da República, reunida em sessão plenária:

1. Solidariza-se com António Guterres, secretário-geral da ONU, repudiando os ataques de que tem sido alvo por parte de Israel, e sublinha a necessidade de um cessar-fogo na região, de acesso à ajuda humanitária e de condenação dos crimes de guerra.
2. Insta Israel a não barrar a entrada de representantes e funcionários da ONU e a não vedar o seu acesso a Gaza e à Cisjordânia.

Assembleia da República, 26 de outubro de 2023.

As Deputadas e os Deputados do Bloco de Esquerda,

Joana Mortágua; José Soeiro; Pedro Filipe Soares;

Isabel Pires; Mariana Mortágua